

Universidade Estadual
de Campinas – Unicamp,
Campinas, São Paulo, Brasil.

ETIENNE SAMAIN

VESTÍGIOS DE UM DIÁRIO FOTOGRÁFICO

Meu prazer não era sociológico, nem diretamente antropológico.

Foi no mês de fevereiro de 1997 que, lendo o livro de Elizabeth Chaplin, *Sociology and Visual Representation*, o projeto se concretizou. Queria realizar um diário fotográfico por prazer e - penso hoje - por necessidade, também.

Por prazer, já que o empreendimento não respondia a nenhuma demanda. Não seria mais esse diário pessoal que escrevi de 1955 a 1975. Não teria nada a ver com uma autobiografia visual ou com uma fotobiografia¹. Não seria um portfólio, nem esse olhar adulto quando se debruça sobre as lembranças da infância². Seria, sim, da ordem dessas pequenas inscrições desconexas que jogamos num bloco de notas. Nenhuma temática pré-definida: as fotografias não passariam de simples registros de coisas, de objetos, de lugares, de pessoas que marcariam o dia. Nenhuma finalidade consciente a não ser o pacto diário de surpreender um pedaço do real para roê-lo. Aceitava, deste modo, que o acaso se instalasse, que minhas emoções e meu imaginário pudessem aflorar em meio aos futuros documentos.

palavras-chave

Diário visual;
Antropologia visual e arte;
Texto e imagem;
Imagem e memória;
Visualização do tempo.

1. Sobre o assunto, remito ao coletivo *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si* (Orgs. Elizeu Clementino de Souza e Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006), em especial as contribuições dos organizadores e de Denice Barbara Catani, Remi Hesse, Christine Delory-Momberger.

2. Penso no trabalho de Raymond Depardon, *La ferme du Garet* (Arles: Actes Sud, 2006), mas valeria a pena, no caso, debruçar-se sobre o conjunto da obra visual do autor.

Havia, também, a necessidade de se observar mais de perto o tempo que passa e, com ele, tudo aquilo que leva e carrega. O desejo de surpreender e de suspender o efêmero da vida. Na época, vivíamos já num mundo de desmedidas, de excessos de imagens também. Precisava me dar o tempo de olhar, de visualizar o tempo, de interiorizá-lo e de me deixar questionar. Com outras palavras, queria recolher (não capturar, e sim eleger) a cada dia um desses pequenos momentos da existência, aparentemente sem importância.

Dispunha de um câmera analógica Minolta. Usava filmes Kodak – Gold – ASA 100.

0 0 0

Quase vinte anos passaram. Reencontro hoje dois álbuns de capa dura. Um total de 113 fotografias em sequência, – uma a cada página dos álbuns – de 23 de fevereiro a 17 de junho de 1997. Nenhum comentário escrito ao lado delas, a não ser a data da tomada da fotografia e o número do filme a que pertence.

A experiência durou quatro meses e naufragou. Como explicar?

No ponto de partida, era uma espécie de jogo, um passeio pelo tempo humano, uma descoberta, uma aventura. Rapidamente, no entanto, me dei conta de que não conseguia facilmente seguir a cadência, isto é, cumprir a promessa de não deixar a noite cair sem ter realizado uma fotografia. As razões eram diversas: a falta de tempo, as viagens, as urgências profissionais, o labor da jornada ou o simples esquecimento. Outras interrogações, aliás, pairavam diariamente: o que escolher e registrar? Sem buscar o extraordinário, como lidar com o cotidiano, com sua repetição e sua aparente banalidade?

É algo insólito lembrar hoje o que significava trabalhar então com o analógico. A empreitada visual era ao mesmo tempo prazerosa e exigente. Para além de ter-me imposto a tomada de uma única fotografia (embora tivesse feito certa vez várias do mesmo assunto), precisava aguardar o término do filme e sua revelação (momento mágico e sempre confidencial) para, então, poder encontrar o tempo de ordenar as fotografias cronologicamente e fixá-las num álbum.

À felicidade do momento misturava-se todavia um certo desencanto, uma espécie de frustração, na medida em que não me lembrava da metade das fotografias reveladas. Pior, não chegava a me rememorar o momento da tomada, minhas motivações, o que tinha presidido a sua escolha. Com outras palavras, a fotografia tinha, de certo modo, apri-

sionado nela o que no entanto a havia feito nascer. Ela podia, sim, falar de muitas coisas, mas não conseguia expressar o que pensava ter-lhe confiado. Sentia que esse diário visual nunca seria realmente o meu, sem palavras que pudessem acompanhá-lo. Eis o que explica também o fato de que, paralelamente, tinha-me posto rapidamente a conotar essas fotografias num texto independente que procurava situá-las. Escrevia. Era um outro diário.

Se é verdade que as fotografias não precisam de palavras para existir, as palavras são inseparáveis das imagens quando se trata de encará-las. É provável que, com a fotografia digital e as possibilidades atuais da informática, a gente possa resolver parcialmente os problemas aqui levantados e, sobretudo, proporcionar outras abordagens (notadamente artísticas) no tocante à realização de um diário visual, o chamado *Art Journal* inglês³. As publicações atuais de *selfies* nas redes sociais deveriam, por sua vez, nos tornar atentos aos seus usos em termos de criação de uma identidade social tanto como em termos da busca de um reconhecimento social⁴.

0 0 0

Reinvestir hoje nesses vestígios significa, até certo ponto, desencalhar pequenos barcos que atolaram e que, depois de quase vinte anos, ressurgem cobertos por outros sedimentos deixados pelo tempo. Escolhi 12 fotografias que se seguem na temporalidade do diário. Num primeiro momento, procurei me situar ante elas fazendo apelo à minha memória. Não ia muito longe. Reli então os comentários escritos e as fotografias se puseram a viver de novo e, mais, a me interrogar. Os curtos textos a seguir nascem desse duplo movimento.

texto recebido

05.07.2015



3. Segurar o tempo e procurar se inscrever nele é um pouco o sonho de todos os mortais. Sugiro, entre muitos outros, alguns trabalhos artísticos que vão nessa direção: Robert Frank (*Story Lines*), Sophie Calle (*Douleur exquise* e *M'as-tu vue?*), Frank Horvat (1999. *Un journal photographique*), Roman Opalka (*Opalka 1965/1. Autoportraits*), Dominique Goblet (*Chronographie*), Anne de Gelas (*Une journée (presque) tranquille*, in www.annedegelas.com).

4. À guisa de incentivo, assinalo a pesquisa recente de Gisleine Gomes Nascimento intitulada *Auto, foto e grafias: a construção do autorretrato no Facebook*. Dissertação de Mestrado apresentado no Programa de Pós-graduação em Multimeios do Instituto de Artes da Unicamp, 2014. Disponível no seguinte endereço: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000928308>



AS FOTOGRAFIAS:

MAURÍCIO E SEU PAI

(24/02/97 – Filme 1) (Foto01)

Maurício e seu pai acabavam de chumbar uma grade de ferro. Não imaginava que Mauricio ia morrer um mês depois. Não havia notado que seu semblante era inquieto. Fiz uma ampliação da fotografia que dei, na época, ao seu velho pai Antônio.



FERRO VELHO NUMA UNIVERSIDADE

(12/03/97 – Filme 1) (Foto02)

Em 29 de novembro de 1995, um tornado com ventos de 180 km/h decepava o telhado do ginásio de esportes da Unicamp, uma estrutura metálica de dez mil m² que pesava aproximadamente 250 toneladas. Não me conformava de ver, 15 meses depois, passando por lá, a cada dia, esse montão de ferros retorcidos, enferrujando.



DEZ PARA DEZ DA NOITE

(24/03/97 – Filme 2) (Foto03)

Abaixo do maço de cigarros, uma listagem de tarefas e esse texto: “São dez para dez da noite; o vento sopra fora. Não fui atento para fazer a fotografia do dia. Faço essa. Feliz dia, pois - com André Alves e João Martinho/ [Dois dos orientados da época], conseguimos fazer um excelente trabalho de demarcação dos territórios”. Uma lente de aumento ajudará a descobrir o restante.



AMANHECER DA PÁSCOA

(30/03/97 – Filme 3) (Foto04)

Minha filha procurava, na manhã de Páscoa de 1997, ovinhos de chocolate *escondidos* num canto do jardim de Campinas. Tinha na época 11 anos. Está hoje com 29 anos e mora em Drvar (na Bósnia), lá onde Tito *se escondia* nas grutas, quando Hitler o perseguia em maio de 1944.



A PIRÂMIDE

(15/04/1997 – Filme 4) (Foto05)

A caminho da Unicamp, a esquisita construção piramidal de vidro com reflexos azuis me tocava na época. Hoje, é o gigantesco número 424 sobre a fachada que chama minha atenção. Graças ao *Google*, descobri que a pirâmide *Empório Egípcio* (que se situa ainda na Avenida Professor Atílio) era um restaurante que oferecia aos sábados, um show de dança do ventre. O obelisco é facilmente identificável pela sua capacidade simbólica: a aspiração de um indivíduo (o faraó) a se igualar aos deuses e sua referência fálica. Mas quem era o Professor Atílio cujo nome aparecia perdido...Procurei. Não consegui ainda encontrar seus passos.



NIDO

(26/04/97 – Filme 5) (Foto06)

Nido, que nasceu na Bahia: recebeu no dia de seu nascimento esse registro social magnífico: ele é “Marco Antônio dos Reis da Hora”. Com ele, aprendi a fazer com grandes cuidados pequenas coisas da natureza e da vida. Ele tem a dignidade de um Marco Antônio, cônsul da república romana. No tocante aos seus reinados, está com sua família, sempre à procura deles.



O PÉ ESQUERDO

(30/04/97 – Filme 5) (Foto07)

Minha própria derrisão: saber relativizar o que a gente pensa ter na cabeça. O final do dia é particularmente propício para esse tipo de exercício.



O CHAPÉU NORDESTINO

(03/05/97 – Filme 5) (Foto08)

Junto a uma saída de banho pendurada no varal, prendi esse chapéu de vaqueiro e, com ele, minhas vivências de cinco anos no Nordeste brasileiro (Natal).



O PÉ DE LIMÃO GALEGO

(12/05/1997 – Filme 5) (Foto09)

Dois anos antes, após uma noite imprevisível de vento forte, o pé de limão galego amanheceu rasgado na metade. Com panos (para não machucar a árvore), tubos e ferros (que encontrei na casa), Godelieve e eu trabalhamos longamente por sua sobrevivência. Valeu a pena: no mês de maio de 1997 acabavam de nascer três novos limões. Hoje, revejo esses galhos, nosso esforço comum em torno dele e, provavelmente, da nossa própria história.



MAQUIAVEL

(24/05/97 – Filme 6) (Foto10)

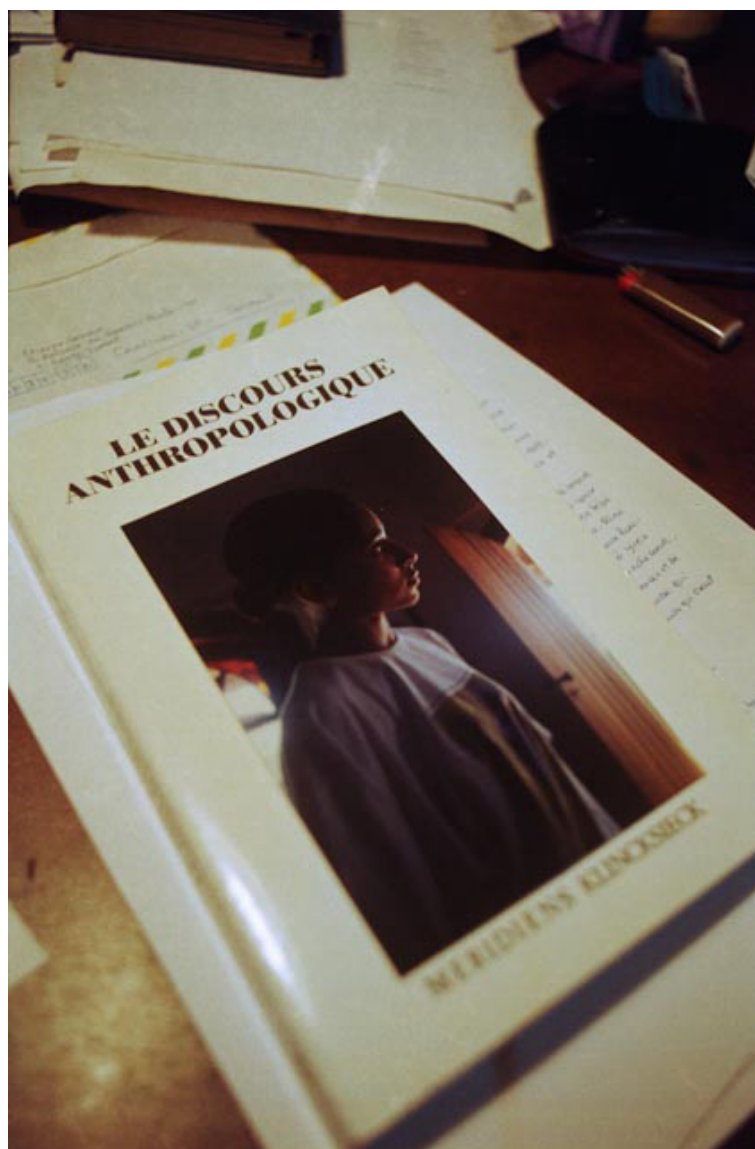
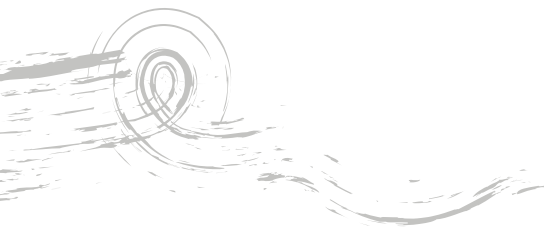
O encontro, sobre minha mesa de trabalho, de três coisas (uma defunta placa mãe de computador, uma apostila escolar sobre Maquiavel e um folheto promocional de um Banco, referente a um novo sistema de telefonia [Visa Fone]. Num dado momento, a fusão dos três elementos convocou uma ideia: a de uma rede informática enquanto viagem universal, dirigida por Maquiavel. As peças da placa mãe tornavam-se conjuntos habitacionais, os fios faziam a conexão direta bem na face superior do crânio de Maquiavel, quando o texto do folheto acrescentava algo a mais, sob a forma de um passaporte universal



O COGUMELO

(10/06/97 - Filme 7) (Foto11)

Na junção de duas tábuas de um velho portão abandonado, um cogumelo tomava raízes.



O DISCURSO ANTROPOLÓGICO

(14/06/97 - Filme 7) (Foto12)

O *discurso antropológico* é efetivamente uma montagem, assim como essa fotografia de Maíra (minha filha) cujo retrato – realizado pouco antes – enquadrava-se perfeitamente na capa de um coletivo (J.-M. Adam, M.-J. Borel, C. Calame, M. Kilani) publicado em 1990. Detalhe à parte, a capa no livro original é um autorretrato de Bronislaw Malinowski que, de óculos escuros, sentado e cercado por nove nativos das ilhas Trobriand, fixa, também, o horizonte.